

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O ENSINO DE CIÊNCIAS EM PIERRE BOURDIEU

Ray Ely Nobre e Souza ¹
Mauro Gomes da Costa ²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo central compreender a construção do conhecimento científico em Pierre Bourdieu, articulando com o Ensino de Ciências no atual contexto educacional brasileiro. O estudo foi desenvolvido a partir de estudos bibliográficos de textos de Bourdieu, assim como pesquisa exploratória de artigos e documentários/conferências para subsidiar os resultados. No primeiro momento, buscamos contextualizar as ideias de Bourdieu para melhor compreensão de seu pensamento. Em seguida, analisamos a ciência na perspectiva de campo. Por fim, procuramos articular a produção do conhecimento científico no Ensino de Ciências. Os resultados mostraram que a escola transmite o que corresponde à cultura legítima, tornando a visão de mundo naturalizada. No entanto, os sujeitos de aprendizagem carregam consigo uma bagagem que diferencia um dos outros, ou seja, os alunos são compostos de capitais: cultural, social e econômico.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu, Conhecimento científico, Ensino de Ciências.

INTRODUÇÃO

Pierre Bourdieu procurou analisar a ciência a partir do conceito de campo. Para ele, o campo é um “sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), e o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial” (BOURDIEU, 1983, p. 122). Nesse sentido, a ciência vai além de um campo isolado, entendendo que o campo científico abrange questões críticas, econômicas, políticas, valores, religião, dentre outros. Ele utiliza a ciência como campo, pois é um local que atravessa várias dimensões e não apenas os interesses da ciência. Foi um autor que criticou a sociologia da ciência entendida como os esforços da pesquisa dentro de um laboratório.

Em *Para uma sociologia da ciência* (2013), Bourdieu critica a abordagem desses estudos comparando-os com as monografias regionais por serem ambos universos isolados, fechados e, conseqüentemente, limitados. O laboratório, em especial, está inserido na estrutura de espaço do campo. Ora, as respostas aos problemas sociais não serão encontradas

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, rayelynobre@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade do Estado do Amazonas – UEA, semogcosta@yahoo.com.

em ambientes como este, pois o que deve ser investigado corresponde ao que está no exterior desse espaço.

Não se trata de olhar o micro. Esse campo científico interage com outros campos, transformando-o em uma totalidade que deve ser analisada articulando com todas as dimensões que o envolve. Para ele, a ciência não é própria de quem é cientista, mas sendo um campo que está relacionado com todos os tipos de capitais.

Em suas obras apresenta conceitos essenciais para entender o processo de produção de conhecimento científico. O capital, apesar de ser do campo econômico, é interpretado por Bourdieu a partir de uma relação simbólica, tornando-se o capital simbólico.

[...] O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio. (BOURDIEU, 2003, p. 145).

Melhor dizendo, “[...] O capital científico é uma espécie particular de capital simbólico, capital fundado no conhecimento e no reconhecimento” (BOURDIEU, 2013, p. 53). A mesma ideia acontece com o conceito de violência, em que não existe apenas a violência física, mas agora se estuda a violência simbólica. O próprio conceito de campo utilizado por ele é de uma estrutura macro.

Não é um sociólogo exclusivo da ciência, seus estudos perpassam também pela educação, arte e produção cultural. De acordo com Bourdieu, no campo científico há quem diga que existem objetos importantes e objetos menos importantes, como é o caso da mentalidade positivista – a Astronomia sendo a área mais valorizada e a Sociologia com menor relevância –, causando uma hierarquia dos objetos.

Portanto, a pesquisa foi desenvolvida a partir de estudos bibliográficos de textos do autor em questão, assim como pesquisa exploratória de artigos e documentários/conferências para subsidiar os resultados. Temos como objetivo central compreender a construção do conhecimento científico em Bourdieu, articulando com o Ensino de Ciências no atual contexto educacional brasileiro.

No primeiro momento, buscamos contextualizar as ideias de Bourdieu para melhor compreensão de seu pensamento. Em seguida, analisamos a ciência na perspectiva de campo. E, para finalizar, procuramos articular a produção do conhecimento científico no Ensino de Ciências.

A CIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE CAMPO

Pierre Bourdieu buscou analisar a ciência não como um campo isolado, mas entendeu que o campo científico envolve diversos aspectos que são influenciados pelos interesses de quem faz a ciência, tais como: economia, política, valores e críticas. Afirma que

A sociologia da ciência repousa no postulado de que a verdade do produto - mesmo em se tratando desse produto particular que é a verdade científica - reside numa espécie particular de condições sociais de produção; isto é, mais precisamente, num estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico. O universo "puro" da mais "pura" ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas *invariantes* revestem formas específicas. (BOURDIEU, 1983, p. 122).

Isto é, o campo para Bourdieu é um espaço de jogo de estratégia. Nesse jogo são estabelecidas as relações entre os participantes, na qual darão as ordens das lutas. No campo científico sempre haverá conflitos, lutas e interesses entre os participantes. Melhor dizendo, os participantes não são sujeitos estáticos, são agentes que dominam a estrutura global do campo.

O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado. (BOURDIEU, 1983, p. 122-123).

A luta que ocorre no campo científico é a busca pela autoridade e competência científica de conquistar o poder de impor os critérios que definem o que é e o que não é científico. Dentro desse campo existem certos modos de manobrar as direções e orientações das ações dos agentes do campo. Por isso, gera tanta concorrência e luta para se ter esse poder.

O campo científico é um lugar de produção, um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas que concorrem pelo monopólio do capital, seja ele material ou simbólico. Geralmente, antes de falarmos nossos nomes dizemos o título que possuímos. Deixamos de ser o João ou Maria, para sermos o Dr. João ou a Dra. Maria. Isso porque as posições dominantes no campo científico pertencem aqueles que dispõem de maior capital científico, maior celebridade e/ou prestígio.

De uma definição rigorosa do campo científico enquanto espaço objetivo de um jogo onde compromissos científicos estão engajados resulta que é inútil distinguir entre as determinações propriamente científicas e as determinações propriamente sociais das práticas essencialmente *sobredeterminadas*. É preciso citar a descrição de Fred

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Reif que mostra, quase involuntariamente, o quanto é artificial e mesmo impossível a distinção entre interesse intrínseco e interesse extrínseco, entre o que é importante para o pesquisador determinado e o que é importante para os outros pesquisadores. (BOURDIEU, 1983, p. 124-125).

Não se trata de comunicar-se, mas se trata de montar o discurso estratégico. E se é estratégico, ele tem uma finalidade e intencionalidade, pois se busca construir estratégias para convencer o outro. Toda estratégia de poder é produtiva, porque gera resultados. Isto é, os seres agem a partir de estratégias, sem definição do que é bom ou mal. Na produção da ciência não é diferente. Há as curiosidades intrínsecas e as pesquisas que se mostram relevantes no extrínseco, cabe ao pesquisador escolher ou equilibrar esse dilema.

De acordo com Bourdieu (1983, p. 125), “O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros”. No campo científico, as produções ganham forças quando o problema interessante tem maior chance de gerar um resultado interessante. Do contrário, a ciência realizada com problemas superficiais, nos oferecerá respostas com resultados superficiais. Essa pesquisa deve ser interessante tanto para o pesquisador, quanto reconhecida como importante para o campo em questão.

[...] Assim, a tendência dos pesquisadores a se concentrar nos problemas considerados como os mais importantes se explica pelo fato de que uma contribuição ou descoberta concernente a essas questões traz um lucro simbólico mais importante. A intensa competição assim desencadeada tem todas as chances de determinar uma baixa nas taxas médias de lucro material e/ou simbólico e, conseqüentemente, uma migração de pesquisadores em direção a novos objetos menos prestigiados, mas em torno dos quais a competição é menos forte. (BOURDIEU, 1983, p. 125).

O interesse é pelo novo, até mesmo para título de reconhecimento. Parece-nos que a concorrência e o lucro não se relacionam muito bem tanto no capital material, quanto no capital simbólico/científico. Mas, essa busca do novo é importante nas pesquisas que propõem uma interpretação diferente de um objeto já analisado, bem como um novo que surge a partir das emergências sociais e que contribui para o avanço da ciência.

Pensar dessa forma é perceber que o objeto de estudo nos escolhe, ao invés de nós escolhermos ele. Enquanto pesquisadores mais vale pesquisar um objeto da ordem discursiva, do que satisfazer um interesse intrínseco. Assim, a estratégia é uma forma de buscar o investimento e o reconhecimento dos outros.

A estrutura do campo científico se define, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, agentes ou instituições, isto é, pela estrutura da distribuição do capital específico, resultado das lutas anteriores que se encontra

objetivado nas instituições e nas disposições e que comanda as estratégias e as chances objetivas dos diferentes agentes ou instituições. (BOURDIEU, 1983, p. 133).

De acordo com Bourdieu (2013), as relações de força entre os agentes científicos são responsáveis por distribuir o capital que determina a estrutura do campo. De certa forma, os agentes que possuírem mais poder capital tem maior possibilidade de ter a estrutura do campo a seu favor. Existem duas formas de capital científico e distribuição dentro do campo: o capital científico puro e o capital científico institucionalizado.

As duas espécies de capital científico têm leis de acumulação diferentes: o capital científico “puro” adquire-se, principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas [...] o capital científico da instituição se adquire, essencialmente, por estratégias políticas (específicas) que têm em comum o fato de todas exigirem um tempo [...] de modo que é difícil dizer se, como o professam habitualmente os detentores, sua acumulação é o princípio (a título de compensação) ou o resultado de um menor êxito na acumulação da forma mais específica e mais legítima do capital científico. (BOURDIEU, 2004, p. 36).

Em outras palavras, o capital científico puro está relacionado com o prestígio pessoal do cientista, seu reconhecimento como crédito científico, acumulação e suas publicações. Enquanto que o capital institucional envolve as participações dos agentes em programações científicas e a ocupação de cargos importantes no âmbito institucional e que, muitas vezes, é conquistado mediante concursos.

A luta é por um capital. E não é qualquer capital. Esse capital é simbólico em que todos os participantes estão como agentes lutando no campo. O capital simbólico se torna a legitimidade, o prestígio e a autoridade. O campo é de modo geral diferentes espaços da vida e prática social com estrutura própria e autônoma. O campo científico não é diferente, ele possui sua estrutura própria e a sua autonomia de luta e estratégias em busca desse capital. Em relação à autonomia Bourdieu (2009, p. 106) afirma que

Pode-se medir o grau de autonomia de um campo de produção erudita com base no poder de que dispõe para definir as normas de sua produção, os critérios de avaliação de seus produtos e, portanto, para retraduzir e reinterpretar todas as determinações externas de acordo com seus princípios próprios de funcionamento.

Assim, cada campo possui suas instituições e regras específicas. Quanto à estrutura, segundo Bourdieu (1983, p. 136), “[...] toda carreira se define fundamentalmente pela posição que ela ocupa na estrutura do sistema de carreiras possíveis. Existem tantos tipos de trajetórias quantas maneiras de entrar, de se manter e de sair da pesquisa”.

A forma do requisito de admissão diferencia os campos, tornando-os fortes ou fracos, bem como a autonomia deste campo. Os requisitos para admissão de um pesquisador dentro do campo abrangem sua competência (não como domínio, mas como um recurso teórico-experimental materializado) e a *illusio*:

[...] O requisito de admissão é a competência, o capital científico incorporado [...] que se tornou o sentido do jogo, mas é também a apetência, a *libido científica*, a *illusio*, crença não só naquilo que está em jogo, mas também no próprio jogo, ou seja, no facto de o jogo valer a pena ser jogado. (BOURDIEU, 2013, p. 74).

A vontade de defender ou conquistar uma determinada posição dominante nas hierarquias constitutivas no campo, se expressa no poder de definir critérios e o monopólio do exercício legítimo de uma determinada atividade cultural ou científica.

O CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO ENSINO DE CIÊNCIAS

O sistema de ensino contribui para uma ciência da reprodução de relações simbólicas e de força, distribuindo o capital entre elas. Para Bourdieu, as leis encontradas nesse sistema mostram a hierarquia dos conhecimentos científicos na lógica da estrutura social, produzindo e legitimando a desigualdade da distribuição do capital cultural.

Os mecanismos culturais e escolares de transmissão de conhecimentos científicos são substituídos pelo capital econômico. Assim sendo, uma família mais dotada de cultura e recursos econômicos são mais propensas a investir na educação de seus filhos, diferente daqueles menos favoráveis. Isto é, o êxito escolar passa a ser influenciado pelo capital cultural e econômico. Nessa análise, um diploma seria dispensável em uma família que não possui capital. O diploma se torna um objeto de legitimação da herança.

De fato, o mundo da ciência, como o mundo econômico, conhece relações de força, fenômenos de concentração do capital e do poder ou mesmo de monopólio, relações sociais de dominação que implicam uma apropriação dos meios de produção e reprodução específicos, próprios do subuniverso considerado. (BOURDIEU, 2004, p. 34).

Bourdieu compreende que o sistema de estrutura é uma relação da totalidade. Um sujeito não pode ser considerado a partir de um único ponto de vista, mas deve-se levar em conta sua trajetória social. No entanto, percebemos que ainda hoje o modelo de ensino das escolas reproduzem as desigualdades sociais, apesar de ser uma instituição que dissemina o conhecimento científico e os valores desejados da sociedade atual.

Para o autor, a escola é um espaço que privilegia mais aqueles que são dotados de capital cultural, contribuindo para o fracasso de alguns e o sucesso de outros. Os alunos provenientes de uma classe social economicamente menos favorecida têm menos chances de estudo e, posteriormente, menos chances de ingressar no ensino superior, em contraposição com aqueles que são de classe dominante.

Em seu livro *A Miséria do Mundo* (1997), Bourdieu levanta discussões acerca da relação entre pesquisador e pesquisado que podem auxiliar na compreensão da relação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem. Para ele, “é o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem [...] de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado” (1997, p. 695). Assim como o pesquisador é o professor em sala de aula que estabelece as regras e que podem ser, intencionalmente ou não, distorcidas.

O método utilizado em aula não reflete apenas o que o professor está fazendo, mas reflete os seus procedimentos ao fazer. Nesse jogo, faz-se necessário compreender que há diferenças entre o professor e o aluno. Ora, não são dois sujeitos iguais. A preocupação consiste para que o relacionamento entre esses dois agentes não se transforme em uma ação violenta. Então, até que ponto a ação do professor se transforma em violência simbólica para com o aluno?

No ensino de ciências observamos a naturalidade dos professores em ensinar conceitos científicos como se já fizessem parte do mundo vivido de seus alunos. Assim, não há um interesse em se preocupar com a linguagem culta ou não, os sinais verbais e não verbais. Muitas vezes, as próprias atividades são construídas com o intuito dos alunos não saberem a resposta, eliminando-os automaticamente. São exemplos de violências simbólicas que marcam negativamente o processo de aprendizagem.

[...] Se a violência simbólica inerente à dissimetria entre os interlocutores muito inegavelmente providos de capital econômico e especialmente cultural pode ser exercida com tanta desinibição, é porque os agentes encarregados de conduzir o interrogatório se sentem delegados e autorizados pelo Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima, e que eles são, a despeito de tudo, conhecidos e reconhecidos como tais. (BOURDIEU, 1997, p. 715).

O professor se sente nessa autoridade, enquanto que o objetivo da ciência é de desnaturalizar o mundo, colocando os métodos em questionamento. De acordo com Bourdieu, as coisas estão em nós naturalizadas, como se estivessem prontas. No entanto, como responsáveis de disseminar o conhecimento científico, precisamos problematizar aquilo que nos é apresentado como sem problemas, desnaturalizando o seu modo de ser.

Segundo Scartezini (2011, p. 26), “Para Bourdieu, o cientista possui um grande papel na sociedade. Cabe a ele destruir as pré-noções e o senso comum, buscando elaborar novas maneiras de compreender suas instituições, suas relações, seu modo de vida, sua sociedade e a si próprio”. Diríamos que destruir não seria a palavra ideal, uma vez que as pré-noções e o senso comum não deixarão de existir. Mas, é interessante saber que eles existem como modo de controle de nós mesmos. Não podemos destruir algo que é da nossa existência, porém podemos controlá-los.

[...] A maior parte das pesquisas publicadas representam, sem dúvida, um momento privilegiado em uma longa série de trocas, e não têm nada em comum com os encontros pontuais, arbitrários e ocasionais, das pesquisas realizadas às pressas por pesquisadores · desprovidos de toda competência específica. (BOURDIEU, 1997, p. 700).

Apesar de Bourdieu está tratando de pesquisas científicas, podemos fazer um deslocamento para o ensino de conceitos científicos. Um médico, por exemplo, que realizar uma operação cirúrgica às pressas corre o risco de levar seu paciente a óbito. Qualquer que seja a área é indispensável o preparo e um planejamento para que a ação aconteça. No ensino de ciências, o professor não pode agir de forma espontânea, sem antes se apropriar dos conceitos que serão ministrados.

Portanto, qual o nível de investigação que estamos fazendo para que o resultado tenha um resultado satisfatório? Não é a busca somente pela descoberta, mas o desejo de um trabalho que se diferencie de uma compreensão imediata de uma realidade. Esse desnaturalizar é entendido aqui como o pensar diferente, a ciência da ciência em que questiona o que já existe para que o sujeito não se torne apenas usuário do conceito.

Para tanto, precisamos conhecer nossos alunos sem preconceitos. Pois, é muito mais recorrente dizer que ele não estuda, ao invés de fazer uma ciência de si enquanto professor. Se o aluno não aprende, uma parte corresponde a ele e a outra parte corresponde ao docente. A responsabilidade é mútua, mas o que se encontra na escola são responsabilidades unilaterais: a culpa sempre é do outro.

Agimos como se as habilidades dos alunos em sala fossem naturais. Mas, isso ocorre porque, muitas vezes, não procuramos conhecer a origem dos sujeitos de aprendizagem. Assim, qualquer que seja o conhecimento ele tem uma história, bem como qualquer que seja o aluno ele tem uma história que não pode ser ignorada. Do contrário, nos convenceremos que há alunos com habilidades natas e outros não, quando na verdade um possui mais capital

cultural do que o outro. Faz-se necessário conhecer o aluno como família, condição social, econômica e cultural para que não haja exclusão.

Essa prática de conhecer nos permite controlar a violência simbólica. Ora, se os alunos possuem capitais culturais diferentes, obviamente que agirão e se expressarão de forma diferente. São momentos em que precisamos muito mais observar e ouvir do que falar. Entende-los a partir de seu campo social, possibilitando meios de mantê-los e/ou superar as deficiências que não escolheram ter, mas que possuem devidas suas formas de existência.

Bourdieu bradava, portanto, por uma ciência social *reflexiva*, capaz de controlar seus próprios vieses, bem como de se manter independente dos “ritos de instituições”. As maiores missões da sociologia são as de *criar novos objetos de conhecimento*, detectar dimensões e dissecar os mecanismos do mundo social – que de outra maneira não estaríamos aptos a compreender –, e entregar à sociedade os conhecimentos produzidos de maneira que estes possam ser utilizados para a melhoria efetiva da vida cotidiana. (SCARTEZINI, 2011, p. 27).

A ciência como uma articulação social estar relacionada com a criação de novos objetivos de conhecimento, bem como a apresentação de formas diferentes sobre determinado objeto. O conceito de meio ambiente, por exemplo, pode estar envolvido com a sensibilização do fato, assim como a sensibilização como prática de vida. Isto é, a sensibilização ambiental chega ao nível da compreensão, mas não chega ao nível da mudança da ação.

Em Bourdieu, não é possível isolar o aluno de suas relações sociais – seu capital cultural. É preciso conhecê-lo para saber suas experiências para que os conhecimentos científicos ensinados estejam em sintonia com a existência social dele. Falar de um lugar no qual o aluno nunca foi permitirá apenas sua compreensão na dimensão conceitual, para ele não passará de uma palavra, porque não passou por sua existência. Diferente do outro que pode ser mais favorecido de capital e estar mais familiarizado com diferentes recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Pierre Bourdieu, a ciência na perspectiva de campo é um lugar de luta, um jogo de estratégias em busca da autoridade científica. O campo científico está envolvido com diversas dimensões, sendo compreendido somente a partir de sua totalidade. Nele são feitas práticas científicas que não são neutras, pois há interesses intrínsecos e extrínsecos por trás. Por ser um campo de lutas, os participantes – os agentes – estão em busca de prestígio, melhor dizendo, no mundo da ciência mais vale o acúmulo de capital científico.

As relações sociais não são construídas apenas pela posse de dinheiro. Ou seja, o capital cultural/social também tem forte influência na produção de conhecimentos científicos. Isso reflete na escola, pois é entendida como uma instituição de reprodução social, visto que por meio dela os alunos adquirem determinados conhecimentos que a sociedade considera como relevantes.

Por que nem todos os alunos se apropriam dos conhecimentos científicos? A escola transmite o que corresponde à cultura legítima, no qual explora o nível de capital cultural que somente determinados sujeitos têm condições de adquirir. A primeira relação é com a família, estabelecendo vivências importantes para a vida escolar, bem como a ausência das experiências de mundo farão falta no ambiente educacional.

No entanto, a escola e o professor precisam estar cientes de que nem tudo se traz de casa. A falta dessa compreensão dificulta a relação dentro da sala de aula, agindo como se não existisse. Assim, a visão de mundo é tão naturalizada que são incapazes de perceber a lacuna e, obviamente, não se dão o trabalho de ensinar.

O aluno que possui o capital cultural se sente à vontade na escola, pois o ambiente está de acordo com os conhecimentos aprendidos em casa. Porém, uma criança desprovida de capital cultural sentirá mais dificuldades, esforçando-se para conseguir êxito, já que os ambientes escola e casa não se articulam. O professor de ensino de ciências não pode contribuir para manter as relações de dominação social, sabendo que o sucesso escolar está na disposição de conhecimentos.

Acontece que o aluno que necessita de mais ajuda exige mais esforço do professor. Para tanto, faz-se necessário o docente saber qual o capital social de seus alunos. Potencializar a escrita a partir de textos produzidos pelos próprios alunos de acordo com o nível de conhecimento deles, não julgar os desenhos, mas ouvir a interpretação de quem os produziu são alternativas que o professor pode tomar para conhecer melhor quem convive com ele em sala de aula.

Os sujeitos de aprendizagem carregam consigo uma bagagem que os diferencia um dos outros. Dessa forma, o professor precisa articular o conhecimento científico com o cotidiano de seus alunos. Então, por exemplo, passamos a conhecer a existência da água pelo corpo. Num outro estado de experiência, passamos a conhecer que a água é H_2O . Esse segundo momento são experiências de existência que o ensino de ciências pode proporcionar na escola, sem as quais um aluno desprovido de capital cultural não iria aprender em casa.

Portanto, o ensino de ciências, com as contribuições de Bourdieu, pode articular os conhecimentos científicos e a vivência dos alunos, compreendendo que estes são compostos

de capitais: cultural, social e econômico. Conhecer o aluno em sua totalidade permite ao professor não agir de forma espontânea em sala de aula, causando a reprodução social. Mas, possibilita um planejamento que alcançará melhor os objetivos de aprendizagem. Afinal, é preciso conhecer os alunos não enquanto números, mas enquanto existência.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A estrutura e o funcionamento do campo de produção erudita. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **A Miséria do mundo**. 4ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. O campo científico. In: **Pierre Bourdieu: sociologia / organizador [da coletânea] Renato Ortiz; [tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi]** – São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2013.

SCARTEZINI, Natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**. V. 14/15, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5159/4224>. Acesso em: 20 de maio de 2019.